

# DO DIÁRIO DE UM PEQUENO BURGUÊS

LUIZ GONZAGA VIEIRA

1967

Acabei de ler o livro "A Necessidade da Arte", de Ernst Fischer, o Henry me emprestou.

Se eu escrevo para alguém, quem é esse alguém físico ou jurídico? O artista, no seu fôro íntimo, é quem determina o tipo de leitor a que êle destina sua obra? O artista é um Deus que se relaciona com o leitor apenas em têrmos abstratos? Os outros são apenas decoração?

Socializar tudo, e sem destruir a individualidade.

O verbo se fêz homem, quer dizer, o homem criou a palavra e a palavra mistificou o homem.

Pensamento é a natureza no homem.

Deus é um pensamento primitivo.

Plat o disse que Deus fala através dos possessos. E o N ovo Testamento está cheio de possessos falando com Cristo, o suposto filho de Deus! Deus e o Diabo usam o mesmo processo.

A mais entranhada subjetividade é um fator social: isso é primário. Tudo depende do modo como utiliz -la.

A música s o sons. Mas os sons da música revelam a subjetividade do compositor, uma subjetividade condicionada e motivada.

Com ou sem razão, falam de escritores secos e herméticos: mas a nossa realidade de hoje não é sêca, hermética? Nós temos essa realidade de hoje, e recriamos esta realidade: de uma forma ou de outra, as artes se ressentirão dêsse fato. O escritor não criou a bomba, a bomba é que “alienou” o escritor, e muitos não conseguem superar êsse estágio.

Não posso esquecer-me de uma coisa: o artista é socialmente responsável, e esta responsabilidade não será coisa abstrata, mas concreta na obra a ser feita — responsabilidade que se dará através de uma contínua experimentação.

\* \*

“Que pensa você da solidão, Lucie?” — Ela não pensa nada. Ela nunca está só. É uma idiota. (in “A Doce Música Mecânica”, de Henri-François Rey).

\* \*

Eu nunca faço carinhos, eu apenas recebo carinhos ou provooco carinhos em mim. Eu não beijo, eu sou beijado. Terra girando em tórno do sol ou de “Deus”.

\* \*

“Onde reside a criação: na coisa feita ou no efeito que produz?” (Henry Miller).

\* \*

A môça me desejou sucesso na vida de escritor — que delicadeza!

\* \*

Sou filho do jato e da bomba atômica e, ainda por cima, sou um sujeito lúcido e inteligente: como querem então que eu seja bonzinho?!

\* \*

Estou temporariamente refugiado no meu quarto, e meu refúgio é abalado pela vida lá de fora: dívidas, protestos, falta

de dinheiro e de emprêgo, trancar a matrícula na Faculdade, mas não se afobar com nada.

Não se afobe, meu filho, a tua vida não vai modificar coisa alguma nem êles te libertarão de coisa alguma. Não se afobe, olhe a vida, misture estoicismo, ceticismo, cinismo, pessimismo, existencialismo, marxismo e beba um trago dessa bomba!

\* \*

Se alguém perguntasse a Reinaldo por que êle estava aborrecido, não saberia dizer, nem mesmo desconfia do que se trata. O apartamento com a mãe e a irmã, os parentes mais chegados, as visitas esporádicas, e o domingo sem gôsto. No sábado foi pra Faculdade e não assistiu nenhuma aula, ficou fazendo hora lá no prédio. Ainda não estava sentindo aquela melancolia do domingo, os amigos eram muitos e cada um pensava de um modo. Depois bebeu alguma coisa com Sérgio, Adão e Teresinha. Enquanto bebiam, conversavam sôbre filosofia e literatura. Sérgio elogiou o conto de Reinaldo e Adão explicou como é que êle fazia poesias. O livro de Simone de Beauvoir era muito bom porque falava as coisas da forma como a gente conversava nos bares, um livro que prolongava o tempo mais ou menos de acôrdo com as conversas de bar. Depois, às três horas, os amigos se despediram, Teresinha foi pra Santo Antônio, Sérgio foi pra São Pedro e Adão foi para o apartamento dêle. Reinaldo ficou sòzinho, mas não teve tempo de pensar nisso. Chegou em casa, almoçou, não havia ninguém em casa, a mãe fôra visitar tia Bebê e só a empregada estava em casa. Reinaldo foi pra Faculdade preparar a festa dos calouros, algum inescrupuloso roubara dinheiro do Centro de Estudos, depois Ana e Suzana ficaram conversando com Reinaldo a respeito de moral, de homem e de mulher. As duas foram embora lá pelas sete horas e Reinaldo ficou sòzinho de nôvo. A festinha estava marcada para as oito horas mas começou às nove, o conjunto tocava músicas de iê-iê-iê e o salão tinha muita gente. Dois guardas vigiavam a festa, para impedir qualquer arruaça. Reinaldo ficou mais sòzinho no meio daquele povo todo, distribuiu bebidas e salgadinhos para a turma, e a turma dançava,

às nove e pouco Ana chegou com o namorado. Roberto, como sempre, falou sôbre a careca de Reinaldo, depois então Reinaldo aproveitou para ir embora, mas dando a entender que apenas saíra para providenciar alguma coisa. A bebida fazia a cabeça estalar e os olhos doíam de cansaço. Pegou o ônibus e sentou-se sôzinho num banco, abaixou a cabeça e dormiu, ou fechou os olhos, o vento entrava pela janelinha do ônibus e suavizava o calor. Era meia-noite e tanto, e Reinaldo queria ir no aniversário do Madureira, mas não havia ônibus e o dinheiro não dava para pagar taxi. Então foi embora pra casa, bebeu um copo d'água, a mãe caçoou com êle porque o corpo dêle estava cambaleando. Todos os filhos tinham casado, a única irmã solteira viajou, e Reinaldo ficara o dia inteiro fora de casa, a mãe sôzinha no apartamento. No dia seguinte é que sentiu melancolia. Pensou nas aulas que não levavam a nada, nas discussões dos amigos que não levavam a nada, nas atividades do Centro de Estudos, pensou nas môças, pensou em si mesmo, nada levava a nada. Teve vontade de ficar sempre triste, de acôrdo com a melancolia, mas nunca conseguiu ficar sempre triste, o minuto seguinte era uma contradição. O sentimento daquele domingo era de nostalgia e tédio, não queria importar-se com nada, as aulas não interessavam e muito menos, os professôres e as notinhas de aula. Não se importava também com diplomas e com títulos nem com anel de grau. O pouco dinheiro reduzia o gesto pela metade, pra tudo era preciso ter dinheiro. O vazio dentro dêle era tortura de masoquista, na semana que vem tudo será repetido.

\* \*

O silêncio é de ouro. O protesto, mais ainda.

\* \*

Sentia-se retraído na cidade, dissera isso tantas vêzes que os amigos já não davam muita atenção ao caso. O corpo ocupava um espaço igualzinho o corpo dos outros, mas era como se apenas o corpo dêle ocupasse um lugar muito especial. As pessoas existiam feito uma camada de que não se tivesse a

consciência exata, era tudo meio nebuloso. Todos os dias as pessoas se olhavam e êle metia a mão no peito para sentir o sangue vermelhíssimo na mão, molhava a mão de sangue e ficava olhando a mão. A dor vinha mais dos olhos que do peito, aquilo era natural demais pra que se pudesse notar alguma coisa. Os amigos bem intencionados não podiam desconfiar de nada, e êle não queria que só êle existisse, êle queria que os outros também existissem, mas êle estava muito dentro dêle mesmo, não havia meio de safar-se. A presença das mulheres doía mais porque, além de incomodar, criava desejos e frustrações, ou êle mesmo é que criava tudo aquilo. Olhava as coisas, os prédios, a cidade, tudo, tudo, e queria fazer um gesto que abrangesse tudo aquilo, queria provar a todos os amigos que êle era um homem onipotente mas que necessitava de tudo para ser onipotente. Não que gostasse de repetir, mas as coisas e as pessoas é que passavam por êle sempre repetindo a mesmíssima coisa. Conversava como um sujeito civilizado, os outros diziam que êle era bom amigo, um cara inteligente. A môça chegou ao cúmulo de falar bacana! eu te amo! e êle não sabia o que aquilo podia significar. Qualquer gesto que fizesse, soaria tôrto. Metia-se dentro do quarto e ficava mais oprimido, saía pra rua, pra escola, e os amigos disfarçavam a depressão dêle, esquecia-se do sofrimento passageiro e chegava até mesmo a rir com os outros, como se estivesse achando alguma coisa engraçada. Os amigos eram sempre os mesmos, e êle também era sempre o mesmo para os amigos, não havia mudança em coisa alguma, embora as coisas e as pessoas estivessem mudando a todo instante: é que os homens se acreditavam imortais em todo sentido, mesmo sabendo que tudo não passava de simples brincadeira. Esperava-se a morte com a maior tranqüilidade, eu não morro, os outros é que morrem, eu não acredito na minha morte, tudo é lírico demais. Olhava tudo, e tudo era aquilo na frente dos olhos e do corpo, pensava que a "solução" viria mais tarde ou alguns dias depois, tudo acontecia agora, mas amanhã podia acontecer outra coisa que, afinal, seria sempre a mesma. Não tinha nada definido na frente e queria alguma coisa definida na frente, queria resolver

certos probleminhas mas não queria que os probleminhas desaparecessem, é o diabo! Tinha vício de ler, mas preferia olhar os livros na estante ou então, que os livros já tivessem sido lidos e não precisassem de maior esforço do que aquêles. Pensava em coisas definitivas, mas não gostava de coisas definitivas. Andava na rua como um sonâmbulo qualquer, cumprimentava os outros por hábito, a vida dêle era um grande hábito, não seria agradável despertar disso, embora se considerasse um sujeito lúcido, inteligente e outras bugigangas. Não ligava pra nada, mas ligava pra tudo, era o tipo do sujeito que oscilava sem ter ponto fixo, os outros eram felizes porque eram burros e bem-aventurados, e eu não sei o que fazer de tudo o que sei e de tudo o que ignoro. Sinto-me sòzinho, como se os outros apenas servissem para confirmar que estou só. Eu sou tão eu a ponto de me diluir, agonizo com elegância e sem alarde. Não sei nada, só sei que estou jogado aqui no mundo: os imbecís tomaram todos os lugares e minha cabeça jamais explodirá em lugar conveniente.

\* \*

“Adequar a arte às exigências do grande público é uma insensatez, quando se sabe que o grande público jamais progrediu de modo a caminhar passo a passo com a evolução da arte”. (Drahomira Olivova, in RCB, nº 9-10, pág. 210) .

\* \*

A gente escreve com sangue, mas êles só entendem com palavras.

\* \*

Misticismo é uma forma de epilepsia.

\* \*

“Nada jamais se elucida completamente”, uma coisa sempre está sendo o que é ou sempre é o que está sendo. A alegria dos outros, que foi minha alegria de ontem, deixa triste. Interlúdio, de Kostas Axelos. Se existe escolha, escolhemos

(homens que somos) não escolher. A *errância* é o jôgo do tempo que mais dissolve do que confirma. O jôgo do tempo: da contingência, do arbitrário. O tempo faz o jôgo, e o próprio tempo é, numa perspectiva meta-planetária, um jôgo ontológico ou fenomenológico. O jôgo é ascensão e queda. Tempo = passagem; e o espaço circunscrito ao tempo. Planetário quer dizer itinerante, errante.

\* \*

Deus é do tamanho da inquietação humana.

\* \*

A suprema lucidez é a suprema tortura.

\* \*

Quando a gente vê os críticos falando sôbre arte, o negócio soa como se o crítico estivesse tão por dentro do assunto que certamente faria uma obra genial se tentasse criar alguma coisa. O gênio e a compreensão do crítico são tão grandes que êle se abstém de criar uma obra e apenas fala sôbre ela como um todo-poderoso.

\* \*

Quando minha colega disse que eu sou bacana, olhei no espêlho e não entendi o que ela queria dizer com aquilo. Posso não ser assim tão feio e, até mesmo, posso ser um cara simpático e com alguma atração. Mas olho no retrato 3 x 4, a careca mal e mal se disfarçando, a barba sombreando o rosto magro e chupado, nariz e lábios grossos, sombrancelhas pretas, e os olhos apertados: cara de judeu, desconfio que tenho parentesco com judeus. Quando o retratista pediu que eu olhasse para a máquina, improvisei uma tristeza sem graça; por isso meus olhos ficaram assim, diminuídos, olhos que apenas reagem diante dos objetos e que não conseguem mais nada. Nem mesmo retrato consegue me disfarçar. Aquela cara de pedidor de esmola, cara de quem suplica misericórdia e compaixão. Eu sou bacana, sim, tudo é possível!

\* \*

Então, porque compreendeu que o gesto tinha apenas a metade da intenção dêle (e como havia pensado nisso muitas e muitas vezes), cruzou os braços sem saber se era de contentamento ou de nostalgia. A frase era nêle mais viciada que a vida, a frase podia ser preciosa para tapear as coisas que nada tinham de preciosas, pelo contrário, era aquêle arrastar-se sem direção e olhar os outros como se quisesse fuzilar o corpo da môça na capa da revista. Ela disse: você escreve palavras feias e êle não, essa é a diferença. Saiu rindo com os livros no braço. Porque nada acontecia e porque nada fôra previsto, fêz o mesmo gesto de 20 séculos atrás, pensou nos inimigos daquele tempo e, agora, ruminou tudo o que os amigos diziam a respeito de tudo. A situação era tal que não se equilibrava nos pés, por mais que teimasse, que insistisse. O riso dos outros vinha sem propósito, inarticulado e, mesmo assim, soava no ouvido como cachoeira que fizesse barulho contra o silêncio. Tudo estava tão feito que não havia necessidade pra mais nada, admirava as construções feitas como que de repente e via-se num século bombástico e reticente. Nem dinheiro nem trabalho nem amor podiam salvar aquêle sentimento de pigmeu diante dos jogadores. A idade zombava dêle, nascimento vida e morte, os outros estavam rindo enquanto novos pigmeus se agitavam num copo d'água. Cheirava o dedo por causa do cigarro. Você, disse ela, não fala nomes feios, você só escreve nomes feios. Então os outros não provocavam nada para que surgisse alguma palavra feia, sòmente o papel inventava uma porção de nomes feios, êle punha a fôlha na máquina, pensava um segundo, o dedo martelava na tecla e alguma coisa saía no papel branco. Não, não saía nada, estéril não era questão de biologia mas de vida inteirinha, uma vida todinha estéril, êle que nem nascera ainda mas que já estava condenado à morte. O mundo lá fora, os homens no mundo, a televisão na sala de casa, a felicidade dos conhecidos, e aquela arrogância com que se escrevia alguma coisa como se a coisa escrita fôsse redimir, justificar: mas a coisa escrita apenas dava consciência de falta, aquêle modo de apalpar o vazio.

\* \*



Há tanta gente que sabe tanta coisa a respeito de tudo que me sinto constrangido. Meus estudos e leituras me mostram o que não sei: não atinjo a mínima parte dos conhecimentos humanos, meu universo é reduzido. Então digo pra mim mesmo que sou apenas um escritor e não sou uma enciclopédia, mas isso não me consola nem me ajuda. No entanto, isso me serve de incentivo. Acho engraçado ver os outros me olhando como se eu fôsse um cara entendido em muitos assuntos. Não é bem isso: sou apenas um escritor inquieto e curioso, e que me interessa por todo tipo de conhecimento humano. Cultura, para mim, é uma implicação humana, total. Tudo me interessa, e literatura é somente uma parte do todo.

\* \*

“Esta é a meia-noite de tôdas as coisas”.

“Ó Deus, a despeito de todos os teus defeitos, eu te amo assim mesmo”.

“Deve haver muitos degraus para chegar ao céu. E a Irlanda é o mais próximo de todos. Mas estão estragando Jesus com a propaganda”.

SEXTA-FEIRA TRIANGULAR, de J.P. Donleavy. Marion sumiu, Mary é uma variante de Marion tanto no nome como em tudo o mais.

Que Deus tenha piedade de Sebastian!

\* \*

O homem é o ser cujo aparecimento faz com que o mundo exista, mas o mundo existe independente do ser do homem: não é o homem que garante o mundo. Eu apenas dou uma nova dimensão ao mundo, eu crio o mundo que me criou.

Liberdade é contexto: eu sou livre se os outros também o forem.

Sartre percorreu um caminho difícil e sinuoso, e eu pretendo aproveitar-me dêsse caminho, ocupar-me do Sartre de hoje. Reconhecer o existencialismo ateu dentro do marxismo, sem desprezar nenhuma idéia que acrescente nôvo dado à questão e a enriqueça.

As filosofias, com seus “ismos”, são uma forma de abordar a mesma realidade em tempos diversos e em circunstâncias determinadas: uma coisa completa a outra e tudo é contingente e provisório como a vida. O que interessa no existencialismo de Sartre, por exemplo, são os pontos que esclareceu para o nosso tempo de agora. Como se tudo fôsse apenas de um modo, e cada tempo acrescentasse ou retirasse alguns dados da mesma questão. Porque, no fundo, a questão é sempre uma: o homem e as variações sôbre o homem.

Não se trata de acabar com o sofrimento, mas trata-se de ultrapassá-lo de uma forma ou de outra. Isto não impede que lutemos para sanar a dor, ou seja, dar um sentido à vida a partir da contingência humana. Nós, que não acreditamos em outra vida, olhamos a morte como a suprema dor e como o maior incentivo para dar sentido à vida. Viver a vida é criar o mundo à minha imagem e semelhança e, por conseguinte, à imagem e semelhança dos outros. E se digo isso, não quero significar que tenha solucionado o problema, é um vir-a-ser contínuo. Não posso resolver o meu problema, isolando-me dos outros. É uma tentativa constante e, de certo modo, valoriza a vida. Meu caso particular não afeta o contexto — em regra geral. A frase de Malraux continua válida: “a morte transforma a vida em destino”.

O homem é humano na medida em que assume lúcidamente sua condição de existência. Se a existência é inútil e de nada serve, então o suicídio é uma resposta normal. Acontece que eu concludo racionalmente uma coisa, mas o instinto entra com porcentagem talvez maior. É necessário, portanto, equilibrar instinto e razão, ou por outra, *ser instinto-razão*. Sartre, como bom francês, também superestima a razão.

No fundo, a náusea, a angústia, o desespero podem ser essa relação viciada entre os homens. Os problemas “metafísicos” ficam mais agudos quando se deteriora a relação entre os homens. A angústia nasce também quando constatamos que nosso esforço pela felicidade humana é quase irrisório ou nulo. Angústia é estar no mundo com os outros numa situação determinada e reconhecer que o meu esforço só tem sentido no

conjunto — e que eu sou inteiramente livre só na medida em que os outros forem inteiramente livres. Há o choque entre o esforço e a realidade, entre o que eu sou e o que os outros são — e isso gera angústia. Lembremos, de passagem, que liberdade é um equilíbrio dos limites, é através desses limites que nós optamos, “liberdade absoluta” é uma inferência dos limites.

Dando ênfase ao *eu*, digo que o contexto é que influencia a consciência. Contexto é tudo, desde as relações humanas até a vida do mundo em todos os tempos e principalmente hoje e agora.

A indagação não leva necessariamente à resposta. Mais ou menos como Saint-Exupéry dizendo que quem procura já encontrou.

Provar alguma coisa não é critério de verdade, mas pode ser critério de habilidade! Eu não forço a existência de alguma coisa através do raciocínio ou da fé, embora o raciocínio e a fé possam ajudar as relações entre os homens. A resposta para tudo é a felicidade humana (conforme insiste Bertrand Russell), ou seja, criar condições decentes de vida para todos, e incentivar o instinto-razão. Não quero dizer que, criadas estas condições, o homem ingresse no “paraíso”, pois felicidade é também uma eterna conquista. Não se trata de racionalizar o animal nem de animalizar a razão, as “duas” coisas são inseparáveis. O animal (no homem) é racional e a razão é animal (esqueçam-se aqui as teorias de Hegel sobre o “racional”). Não haverá perfeições nem estados definitivos, mas uma contínua aquisição. Jamais enquadraremos o mundo dentro de nossas idéias ou de nossos desejos, não faremos um mundo mais belo como nossos altruísmos. O mundo está aí, é isto, a felicidade humana se alimenta dessa compreensão. Conciliemos uma boa dose de estoicismo e de dúvida: que dentro do estoicismo duvidemos sempre.

O mundo e o homem não têm sentido além do mundo e além do homem. (O pensamento de Aristóteles viciou bastante a vida humana — como se a existência de uma coisa tivesse um sentido além da própria coisa!)

Se tentamos resolver tudo na base de raciocínios lógicos e sem contradições, jamais elucidaremos coisa alguma: a razão mais propõe questões do que elucida. Deus, por exemplo, é o instinto de conservação da espécie — mas não adianta provar ou negar a existência dêsse ser, fariamos apenas um jôgo do raciocínio. O instinto afirma a vida, a razão procura justificar ou condenar o instinto: equilibrar êstes “dois” pesos sem que um atrofie o outro.

\* \*

Budismo, zenbudismo.

“Renúncia a tôda sorte de apêgo”.

“Recusa em considerar seja o que fôr como estável e permanente”.

“Mas o melhor é ir mesmo vivendo sem qualquer coisa de louvável”.

\* \*

Se eu bebesse um copo de chope a menos, tudo o que aconteceu comigo aconteceria diferente.

\* \*

“A arte não é uma resultante”. A arte está sempre condicionada, situada, mas não é o resultado de proposições científicas. Estas proposições podem explicar a arte, mas não podem criá-la. Tôda arte extravasa os resultados científicos. (Estou lendo “Um Realismo sem Fronteiras”, de R. Garaudy).

O homem reflete o mundo e contribui para que o mundo seja desta ou daquela forma. Meu presente será a presença da minha época: não serei um homem passado (embora o passado me condicione) nem serei um homem futuro (embora eu me pro-jete) mas serei um homem de hoje, agora, refletindo êsse meu tempo.

Primeiro passo: colocar as coisas em questão, o que pode demorar a vida tôda. Colocar a vida em questão. O que há de positivo é saber que a vida é uma só, minhas possibilidades estão tôdas comigo, aqui neste mundo.

Expressar com palavras o tempo de hoje, do particular (aqui e agora) para o geral.

Eu nem sempre gosto desta ou daquela coisa pelo modo como penso, mas pela reação primária que uma ou outra coisa me provoca em determinadas circunstâncias e em determinado tempo.

Homens duplos, homens de haveres, contradição entre o que eu *tenho* e o que eu *sou*. (Garaudy, falando de Saint-John Perse).

Não tenho pavor da morte, mesmo tendo apêgo à vida. Apenas, tenho medo de ter medo na hora da morte. Não sei e ninguém sabe o que é a morte, pois ainda estamos vivos. Só sei, e isso é o que me fere, que a morte rouba tudo o que tenho. O desapêgo não é dogma divino, mas torna-se uma norma prática. Quanto menor o apêgo, menos a morte fará medo, ressaltando-se a luta instintiva do animal pela própria conservação. O pensamento criou o medo e o instinto é uma defesa espontânea. De qualquer modo, é bastante engraçado fabricar filhos para a vida e, conseqüentemente, para a morte. E criando vida que eu asseguro o reino da morte. Isso não quer dizer que eu vá instituir o reino da morte como condição de vida, seria inverter os termos da questão.

Se enxergo mais longe do que os outros, pelo menos esses outros estão menos desamparados do que eu e têm companheiros. Eu tenho eu e a minha sombra, e um círculo bem pequeno de colegas. Mas, entre todos eles, quem é que eu posso chamar de amigo? Minhas afinidades são superficialmente literárias, o que é um laço grande mas escorregadio. Será que não ter um amigo é mais deficiência da minha parte? Eles são escritores e eu também: além disso, o que existe de mais sólido para nos aproximar? Com nenhum deles eu seria capaz de me mostrar como realmente sou aqui por dentro. Deficiência minha ou deles? Ou seria uma deficiência coletiva? Kafka é meu irmão, mas eu estou numa situação bem menos deplorável e mais romantizada, não tem nem comparação.

E preciso ler, ler sempre, para que eu ande melhor na rua e reaja estôicamente diante das coisas. Estoicismo nunca foi

passividade, mas um meio concreto que me ajuda ultrapassar as coisas. Tôda concepção do mundo e das pessoas tem que passar pela minha experiência vivida de cada dia, cada hora, e me aproveitando de outras experiências válidas.

\* \*

“XYZ” talvez seja um diário com alguma implicação e mais sofisticado, procuro seguir cada dia na vida de um mineiro pacato, intimamente revoltado, e a vidinha dos amigos e conhecidos dêste mineiro que sou eu. Pessoas e coisas do “XYZ” são reais (às vêzes até demais!) com o natural exagêro ou depreciação. Pessoas e coisas são aquilo que Renato vê, o que não chega a ser uma simples visão impressionista. Procuro dar uma visão do mundo a partir do pensamento e das emoções de um mineiro não muito comum, mas contraditório.

\* \*

Das mil páginas datilografadas que tenho, pelo menos algumas frases devem ser ótimas (descontando-se a minha simpática presunção).

1968

Primeiro dia do ano, o isolamento é o mesmo. Vilela, Adão e eu passamos o ano na casa da Tê. Não sei o que está na minha frente. Ouço a “Paixão Segundo São Mateus”, de Bach. Grandes tentações de tristeza e melancolia, tudo movediço. Já saí do fundo da fossa, mas qualquer desequilíbrio e posso cair de nôvo no fundo da fossa.

\* \*

Eu poderia fazer do “XYZ” uma espécie assim de epopéia da mediocridade, um «romance» insípido do cotidiano, de tal forma que mediocridade e insipidez se tornassem virtudes.

\* \*

Os pais também exercem uma chantagem sentimental sôbre os filhos. Se um filho é rebelde e ameaça fazer alguma coisa, o pai ou a mãe ameaça desmaiar ou morrer de coração. Isto é chantagem desgraçada.

\* \*

“Mais vale um covarde vivo do que um herói morto” — é o tipo da frase complicada.

\* \*

Eu gostaria de ter o mundo aos meus pés — para poder chutá-lo!

\* \*

Ontem, 14, pegamos o avião a jato *Comet* lá no Rio, às 20 horas, fizemos escala em São Paulo e chegamos em Buenos Aires às 24 horas brasileiras. A mocinha argentina conversava sôbre Sartre e Simone de Beauvoir, fazia o quarto ano de Medicina, 20 aninhos de idade, tinha visitado Israel e não acreditava em religião. Agora estou aqui no quarto do Hotel Sussex, Rua Tucuman, 573, com a mesma cara de sempre, como se o mundo me fôsse uma coisa estranha e, mesmo assim, fantástica. Estou sem pêso argentino e a turma ainda não se reuniu. São 12 horas agora, não sei onde vamos almoçar, ainda está tudo desencontrado. Tristeza? Não, apenas certo constrangimento.

\* \*

Estou entre colegas e amigos aqui em Buenos Aires, no entanto sinto como um apêndice, qualquer coisa enxertada, fora do ambiente, sem ser parte do todo. Alberico diz que sou tímido: isto é tão simples e natural que até parece mentira. Estou sempre longe, e já me chamam de hindu, oriental.

\* \*

Cada filósofo constrói sua filosofia de acôrdo com sua visão de mundo. E esta visão de mundo está condicionada pelo ambiente em que vive o filósofo, pelo seu tempo, sua vida e, até mesmo, seu temperamento. Daí a variação enorme de filo-

sofias, coisa primária. O mundo de hoje caminha no sentido de que cada pessoa tenha uma filosofia própria, servindo-se dos “profissionais” apenas como ilustração ou enriquecimento próprio. Se no Brasil, por exemplo, há um determinado tipo de vida e pensamento, tudo o que chegar aqui terá que passar também pelos brasileiros, que farão um coeficiente do que está se passando. Porque o Brasil, sem tradição filosófica e cultural, está numa época em que os sistemas de filosofia perdem o sentido e em que a liberdade e a vida cotidiana se elevaram a teorias supremas do filosofar. O tempo dos tratados filosóficos já passou!

Percebo uma pessoa através do seu corpo, mas é uma percepção superficial: o corpo é mais visível que a consciência. Tenho facilidade para entrar em contato com determinado corpo, mas não consigo penetrar na consciência daquele corpo assim tão facilmente. Sei que estou tocando num corpo humano mas, com minhas mãos, não posso surpreender a consciência dêle, embora possa haver uma aproximação entre duas pessoas através do corpo. Uma fusão de consciências, bastante limitada pelo “eu” de cada um. O corpo é o objeto e a consciência é a liberdade: o amor entre pessoas possui o corpo e atinge a liberdade, amor será uma “troca” de liberdades, embora uma pessoa nunca possa confundir-se com outra, por mais que se aproximem e se penetrem. Paradoxalmente, a consciência dêsse “fracasso” é outro dado que enriquece o amor. Uma liberdade não desaparece na outra, mas reconhece os próprios limites e aumenta as possibilidades de companheirismo ou amor: a consciência dos limites também gera uma liberdade maior.

O homem se escolhe a si mesmo, é verdade, mas depois de ter sido gratuitamente jogado no mundo. Além do mais, a escolha pessoal de si mesmo está também condicionada ao mundo em que se vive. O absoluto não cabe aqui e, naturalmente, não se pode fazer uma escolha absoluta de si mesmo. Há necessidade extrema de contrabalançar a minha *liberdade* e a *situação* em que eu a vivo, as duas coisas (liberdade e situação) se explicando e pesando na balança.

\* \*



“Ri e o mundo será teu”, ou seja, o mundo é dos palhaços!

\* \*

O pensamento voa por tôda parte, de todo jeito, e não tem descanso.

\* \*

O inferno são os outros, o céu também.

\* \*

Os homens desafiam a morte, e a morte ri da piada!

\* \*

Começar assim, fazer bonecos muito direitinhos, que funcionassem direito, amassem os inimigos, fôssem felizes para sempre como nos contos de fada.

\* \*

“Ninguém vive com a intensidade que deseja, exceto os toureiros”.

“Escute, Robert, tanto faz um país como outro. Tenho experiência disso. Não podemos sair de dentro de nós mesmos. Não adianta”.

(“O Sol também se Levanta”, Ernest Hemingway).

\* \*

“A filosofia é, em qualquer circunstância, obra estritamente pessoal que põe em jôgo o destino concreto, no mundo e entre os homens, do homem que nela se empenha”. (Nicola Abbagnano).

\* \*

“O estilo é o homem”, o estilo sou eu. Estilo é a personalidade do autor, afirmação de si próprio através da palavra escrita.

Literatura também é contexto, mesmo que pensemos agora numa ciência lingüística ou numa estilística qualquer.

Raul Castagnino confirma que, na leitura de uma obra literária, existe algo que transcreve o mero sinal impresso, captado visualmente. É evidente, mas a turma lê como se não houvesse evidência alguma no caso. Por isso também é que eu já disse: quem lê apenas o que está escrito, é um pobre de espírito.

Literatura, se fôr literatura, é documento e testemunho.

O escritor escreve para ser lido pelo maior número de leitores. "Literatura é expressão de uma sociedade", sem nenhum determinismo.

O econômico não determina a obra literária, mas reflete-se nela, é condicionada por êle. Se o econômico determinasse a obra literária, a Rússia e os Estados Unidos de hoje seriam os maiores produtores do planêta, e os países subdesenvolvidos jamais produziriam um grande escritor.

Escrevo para me penitenciar ou porque sou uma verdadeira vocação? Se também pudesse ficar apenas escrevendo e estudando, minha "vocação de escritor" continuaria?

O meio geográfico também influi no escritor, mas não determina nem a obra nem o autor. Através de meu "estado de alma" é que vejo as coisas dêste ou daquele jeito, mesmo levando-se em consideração todos os condicionamentos que sofre ou goza uma pessoa.

Paisagem não são as coisas, mas sou eu olhando pra elas.

O escritor é um ser susceptível, ou melhor ainda, disponível. As coisas acontecem nêle ao mesmo tempo em que êle transforma as coisas. Êle se acha aberto para tudo e, por isso, tudo entra dentro dêle e o contamina.

Somos uma geração problemática, cuja criação se baseia na dúvida ou na descrença dos valores sociais e artísticos. Como quem vive, apesar de não acreditar na vida. Ao escrever, problematizamos o ato de escrever e problematizamos tudo. O ato de escrever é um exercício de esclarecimento para autor e leitor. Nada é fixo, tudo deslisa. O mundo terá que ser novamente descoberto, temos necessidade de criar outros valores, mas sem desprezar nada do que já se fêz até hoje. O passado será um aprendizado e o presente, uma contínua descoberta.

Os escritores não fazem teoria, mas as teorias são feitas a partir dos escritores. Pelo fato de se deduzir certa teoria de certo autor, isso não quer dizer que o autor entenda da matéria. Para viver, não preciso saber como funciona meu corpo; para escrever não tenho necessidade de saber teorias literárias, embora todo conhecimento seja útil. De qualquer modo, é engraçado ver os estudiosos dissecando a obra com uma tranqüilidade espantosa, mesmo reconhecendo nêles a capacidade e utilidade dos estudos. Teorizar literatura é modo de empobrecê-la. Eles costumam ir mais longe do que o próprio autor. Uns deduzem tanto que a coisa até parece fantasia! Mas valem o esforço, a aplicação e a “ciência” literária que êles mostram.

\* \*

Henry Miller é, sob certo aspecto, epidérmico, mas não é apenas epidérmico, êle vai muito mais além. Diz êle, em “O Tempo dos Assassinos”, que nós nos tornamos o que somos. Com isso compreendo que êle se refere ao pêso de tôdas as contingências, sufocando o individuo de gênio. Sem entrar em pormenores, acredito que nós somos aquilo em que nos tornamos, cada um cria a própria vida e faz dela o que quiser, dirige a própria vida através de caminhos pessoais. Não me esqueço do papel de todos os condicionamentos a que estamos submetidos. Condicionados sim, mas donos da própria vida. Até a rebeldia se dá dentro dos condicionamentos. Isso não quer dizer que eu aceite os condicionamentos, pois minha revolta vai além do absurdo. Henry Miller mostra que Rimbaud se rende, abdica. Rimbaud é a própria rendição como Baudelaire é, segundo Sartre, o próprio malôgro. Depois, Henry Miller escreve uma frase mais apropriada, afirmando que “o homem é finalmente responsável pelo seu destino”. Somos responsáveis porque somos donos do próprio nariz.

“O Tempo dos Assassinos” é um dos melhores livros de Henry Miller que já li, talvez o melhor. Enquanto não acabei de ler, não fiquei sossegado, li tudo de uma vez, não conseguia parar, bom demais pra gente parar de ler e deixar pro dia seguinte.

\* \*

Pegara o ônibus logo ali na praça, identificava a praça pelas palmeiras. Nenhuma pessoa no ônibus, êle estranhou, passou na roleta sem pagar ou pagou sem ver o cobrador, sentou-se na poltrona e ouvia tocar o disco no barulho do motor onde mesmo o motorista não estava, apenas a direção girando de um lado para o outro, numa esquina, noutra esquina, e dois olhos bem atentos que imaginavam. A escola vazia e cheia de aulas, as cadeiras e o quadro verde, o professor contra os alunos, a bôca aparentando e cada um respondia. Reinaldo disse que não teve tempo e esperou o espaço que separava uma hora da outra. A môça virava-se constantemente para o lado de Reinaldo como se oferecesse caixa de vento, mas sem abrir que poderia sufocar, amor não existia e existia apenas essa coisa que Reinaldo chamara de amor quando se encontrou com Marina.

\* \*

- Quando quero utilizar uma coisa,
  - Tudo é hábito, Reinaldo.
  - quando penso nas coisas que preciso e no esforço
  - Existe um modo de ver a tarde.
  - que faço para conseguir
  - Então o recurso é pensar que Marta ou Marina, não importa,
  - o mínimo, vejo que é mais tristeza de minha parte.
- Não tenho
- são pessoas.
  - problemas, só um pouco de desespêro e isolamento, e uma
  - Mulher ajuda muito, Reinaldo, amor é grande, não é só porque os outros falam.
  - solidão, eu sozinho, nós dois juntos mas solitários, os meus conterrâneos, e nenhum ponto de contato porque solidão repele contato, porque não sei quando
  - Marina gosta muito de você.
  - nem sei mesmo o que faço para não sangrar

- Você finge.
- os outros.
- E agora se lastima.
- Procuo uma coisa que ninguém aponta, por
- Bobagem!
- insuficiência, impotência moral, um nome dêesses.
- Você sabe que sou seu amigo.
- Há uma proibição desde o nascimento.
- Eu sirvo.
- Todos me servem, porque ninguém,
- Sei sei.
- talvez a idade-acima-da-razão
- Compreendo.
- ou talvez nada disso, talvez uma suposição.
- Talvez.
- ou mesmo, não sei. Sou um modo de isolar os outros,  
já disse.
- Entendo.
- Não sei como pensar assim, se vou de um lado ou de  
outro. Sabe do que eu gosto de verdade? mas de verdade  
mesmo?
- O teatro começa às oito e meia.
- É uma coisa estranha!
- É às oito e meia em ponto.
- Não sei.